

Participação de empresas: o segredo da rica Alemanha

GRAÇA MAGALHÃES RUETHER
Correspondente

BONN — Embora um dos países mais ricos do Mundo, a Alemanha Ocidental não é o que mais gasta dinheiro público com a educação. De acordo com a OECD, com 4,4% do PIB a Alemanha fica atrás de outros países industrializados e um pouco à frente apenas da Grécia e da Turquia. Isso não quer dizer que falte mão-de-obra qualificada no país. A política educacional é de competência dos Estados, mas são as empresas as que mais investem na qualificação da mão-de-obra.

A obrigatoriedade escolar, que é hoje dos seis aos 14 anos de idade, existe desde 1920, mas a maioria completa os seus estudos em um curso profissionalizante, que é em grande parte sustentado pelas empresas do país. Apesar da explosão dos números de universitários que ocorreu nos últimos 20 anos, a educação média profissionalizante é ainda a base da sociedade alemã, e existem ainda no país um milhão de analfabetos totais ou funcionais (segundo dados da Unesco).

A reforma educacional alemã começou a ser promovida em grande escala já na segunda metade do século XIX, na época da industrialização, quando também as universidades foram expandidas nas ciências físicas e naturais. De acordo com o Ins-

tituto de Pesquisa Econômica de Colônia, as empresas do país gastam anualmente cerca de 30 bilhões de marcos (US\$ 17,6 bilhões) com a qualificação de trabalhadores.

Hoje, a própria universidade é ajudada financeiramente pela indústria. Principalmente nos Estados mais ricos, Baden Württemberg e Baviera, as áreas técnicas e de ciências físicas e naturais têm fortes relações com a indústria, que investe muito em busca dos "gênios do futuro".

As crianças iniciam o curso primário (**Grundschule**) aos seis anos de idade. No final desses quatro anos (em alguns Estados, seis anos), já tem início a filtração. De acordo com o grau de inteligência e eficiência, os professores podem destinar um concludente do primário para uma escola principal (**Hauptschule**), o que já define que essa criança não será um acadêmico mas sim um trabalhador; uma escola real (**Realschule**), um tipo intermediário que vai da quinta à décima série e que permite um curso profissionalizante mais elevado; os mais dotados são indicados para o ginásio, que dura nove anos e cuja conclusão, o **Abitur**, dá direito a uma vaga na universidade.

Todas as escolas, a partir do primário, são públicas e gratuitas. O material escolar básico, inclusive os livros, é fornecido pela escola, que por sua vez é financiada pelo Gover-

no estadual. Para os filhos de pessoas mais pobres, que precisam frequentar a escola em uma outra cidade, o governo oferece o **Bafög**, um crédito sem juros, que só precisa ser pago muito mais tarde, quando o beneficiado já ganha o bastante.

Esse sistema, que existe desde o pós-guerra — a variação criada nos últimos 40 anos é a escola completa (**Gesamtchule**), que dá ao jovem a chance de mudar de opção mas que é frequentada apenas por uma minoria — tem por objetivo não exigir demais dos menos dotados e, ao mesmo tempo, aproveitá-los plenamente como mão-de-obra qualificada.

Mas, enquanto na época do milagre econômico a necessidade era de mão-de-obra para a indústria continuar crescendo, o resultado da riqueza a partir dos anos 70 é que um número muito maior de pessoas passou a preferir a universidade. O número de jovens que frequenta uma universidade é hoje três vezes maior do que há 28 anos. Na mesma proporção, também aumentou o número de filhos de trabalhadores que tem acesso aos estudos superiores.

Essa nova preferência fez com que muitas escolas principais tivessem que fechar por falta de alunos. Só no Estado da Renânia do Norte-Vestfália, foram fechadas este ano 66. Enquanto há 20 anos, 70% dos concludentes do primário optavam por esse tipo de escola e uma posterior educa-

ção profissionalizante, hoje são apenas 35%. No desejo de ascensão social, mudou também o ideal dos pais. De acordo com o Instituto de Pesquisa Educacional de Dortmund, 56% dos pais preferem hoje que seus filhos frequentem um ginásio para um posterior curso universitário.

A educação profissionalizante é a que mais sustentou o crescimento econômico das últimas décadas. Cerca de 90% dos concludentes das escolas principal e real ingressam nesse sistema dual, que é realizado em parte na escola, em parte já em uma firma, ao contrário da maioria dos outros países europeus.

Atualmente, cerca de 1,8 milhão de jovens frequentam um curso profissionalizante, que dura em média de dois a três anos. Para atender a todos esses "aprendizes", as grandes empresas têm oficinas próprias com professores especializados na área. Durante os três anos de formação, os jovens ganham um pequeno salário (de até US\$ 150 mensais).

Para o pedagogo Erich Dauenhauer, muitos jovens são formados em profissões com poucas chances de emprego, enquanto outros são explorados como mão-de-obra barata. Maiores chances têm os que já se profissionalizam em uma grande empresa como a Siemens ou Daimler Benz, que investem vários milhões na parte educacional.